O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

23.º Anno — XXIII Volume — N.º 780

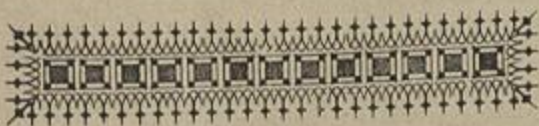
30 DE AGOSTO DE 1900

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

EÇA DE QUEIROZ — FALLECIDO EM PARIS NO DIA 17 DO CORRENTE

CHRONICA OCCIDENTAL

Como devia de ser, porque o mandava a justiça e assim era imposto a quantos de letras se occupam em Portugal, á memoria de Eça de Queiroz foram consagrados longos artigos por toda a imprensa portugueza.

A saudade em todos é profunda, a manifestação foi unanime. Jornaes de todos os matizes politicos reconhecem o altissimo valor da obra do grande romancista, cuja originalidade, talento, dotes de espirito revolucionario, influencia do seu poderoso impulso na roda do leme para novissima rota, ninguem pode sem falsidade contestar.

Muitos jornaes portuguezes, de Lisboa, Porto e provincia, dedicaram á obra de Eça de Queiroz seus artigos editoriaes.

Mas não só a imprensa do nosso paiz assim poz em relevo, n'este momento doloroso, o altissimo valor d'um dos maiores romancistas modernos. Cabe-lhe o titulo e não lh'o negam os criticos estrangeiros, como o comprovam os necrologios publicados em muitos periodicos franzezes e, ainda mais honrosos, nos jornaes de Madrid.

Emquanto na Europa os homens de lettras assim demonstravam seu pezaroso sentimento pela morte d'um companheiro, dos mais altamente collocados pela critica, dos mais queridos na terra em cuja lingua escrevia, chegava-nos do Brasil a noticia do fallecimento de Ferreira de Araujo, director da *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro, jornal, que tão considerado foi sempre, e em cuja redacção tão bons amigos teem sempre os portuguezes encontrado.

O Dr. Ferreira de Araujo contava entre nós muitas e verdadeiras sympathias, conquistadas pelas magnificas qualidades de seu coração affectuoso, pela reconhecida austeridade de seu caracter.

O que a litteratura portugueza deve ao acolhimento que sempre lhe faz a imprensa hrazileira, eloquentemente o saberia contar o glorioso morto de quem começámos a escrever e que nos folhetins dos jornaes fluminenses tem das suas melhores paginas. As correspondencias de Eça de Queiroz para o Brasil occuparam-lhe uma das melhores partes da sua activa vida litteraria.

Se da litteratura passarmos a observar o que se passa em outros ramos d'arte, veremos sempre o mesmo fraternal acolhimento. E' raro o anno em que uma ou duas companhias theatraes portuguezas não vão pelo Brasil conquistar um pouco de gloria, colher um pequenino bem-estar.

Ha mais companhias portuguezas representando n'este monento no Brasil de que em todo Portugal. Lisboa e Porto tiveram os seus theatros quasi todos fechados durante o verão. Apenas o theatro do Principe Real deu alguns espectaculos durante os ultimos dias de agosto. O theatro da Trindade, em obras, que se demoraram, poude abrir apenas ha dois dias. Diga-se, porém, a verdade: tardou, mas arrecadou. *A Volta do Mundo*, muito bem posta em scena, teve o exito que merecia.

Vae apetecendo falar em theatros, que já lá vão os calores. Até já tivemos dias de perfeito inverno, horas e horas de chuva, vento a sibillar rijo do sudoeste, inundações, todo o sabido cortejo. Não houve trovões, felizmente, que se é verdadeiro o dictado

Lua nova trovejada
Trinta dias é molhada,

tinhamos o inverno já comnosco e que bonito se annunciava!

Um verdadeiro dia de dezembro, dos mais asperos e carrancudos.

E nós estavamos mal costumados. Um outono muito temporão não era motivo para que se andasse prevenido contra a invernia, que fez ir pelos ares smuito chapéo de palha, muito espantado do banho e da gymnastica.

O tempo ia um encanto. As tardes muito amorosas, doiradas, já com pequeninos tons melancholicos, lembravam o verão de S. Marthinho, de que só não tinham o perfume. De repente, uma noite, grossas pingas de chuva vieram acordar nos bancos da Avenida uns veraneantes do sitio, de-

morados até mais tarde; o vento começou virando; toda a manhã o sol, de sobr'olho carregado, viu passar pasmado do anacronismo, grossos rollos pardacentos, com que o sudoeste lhe tapava o mundo; pelas onze horas as cordas d'agua eram da grossura d'um dedo e as biqueiras faziam seu officio lançando jorros d'agua nas calçadas.

Entretanto embarcavam os cirios para a Outra Banda.

E o tempo d'elles agora: Senhora da Atalaia, Senhora do Cabo, Senhora da Saude, festas dos solteiros na freguezia da Ajuda, grandes preparativos em Cescaes. Bom é, quando o tempo ajuda. Por todos esses arredores de Lisboa não se ouve senão musicas e foguetes, lôas e sermões.

Foram tambem agora as grandes festas ao Senhor da Serra em Bellas, com maior concorrencia, mas menos pittorescas, desde que vinte comboios extraordinarios, além dos muitos que saem de Lisbaa para Cintra, desembarcam na estação de Queluz milhares de passageiros, que seguem cantando, rindo, chalaceando por aquella estrada fóra, entre nuvens de poeira, que centenas de carros levantam.

D'antes os carros eram aos milhares e a festa começava a duas leguas de Bellas, na estrada de Bemfica.

São as festas do povo, preso pelo trabalho, um anno inteiro, na obra ou na officina e a quem dois ou tres dias de folga e de alegria bastam para descanço entre tantos de labutar de sol a sol. Por isso é ver com que sinceridade elle ri, com que enthusiasmo vai, com que saudades volta, como depois conta o dia inteiro, a merenda no chão, as passagens que lá houve, as saudes que se fizeram. E' que é preciso aproveitar e, quando um dia não são dias, o dia ha de ser alegre.

Se um dia são dias, campeia a sensaboria, que não é tal, como o quiz asseverar um philosopho moderno, a felicidade. E por isso onde os com constancia felizes levam a vida, esta corre monotona, e toda a festa com programma previo deslisa entre bocejos.

N'uma carruagem de terceira classe, que parte para Bellas com quarenta e oito passageiros, vai mais alegria do que existe em todos os casinos d'essas terras de villegiatura, que enchem os jornaes com discripções de bailes, jogos, concertos e *pic-nics*.

Lisboa na maior das tristezas continúa a accender os bicos electricos da Avenida para meia dusia de passeantes, que, entre as oito e as dez da noite vão gravemente desde a Praça dos Restauradores até defronte da rua das Pretas e voltam da rua das Pretas até á Praça dos Restauradores. Param, uma vez por outra, a ouvir o homem da rabeca, atrasam o passo adeante d'umas mulheres que no escuro parecem bonitas, e lá vão depois atrastando-se, ora na sombra das arvores, ora no claro da luz, no beton branco e preto como um taboleiro de xadrez.

Anda pelas praias ou thermas a maior parte da população rica. Outra foi até Paris, d'onde constantemente nos chegam novas dos nossos patricios, e boas: as maiores recompensas, medalhas d'oiro, elogios em toda a linha.

Ha dias chegaram ao Porto os bombeiros municipaes d'aquella cidade, que obtiveram em Paris o primeiro premio dos campeonatos, mil e quinhentos francos e uma lindissima taça offerecida pelo Presidente da Republica.

A recepção foi, como era de justiça, enthusiastica, tomando n'ella parte a camara municipal, todas as corporações de bombeiros do Porto e arredores e muito povo, que acompanhou os vencedores no concurso internacional, desde a estação até aos paços do concelho.

As grandes festas continuam em Paris, cuja exposição será prorogada até fins de novembro.

Ultimamente um telegramma poz em alvoroço a grande capital, transmittindo uma noticia cuja inverosimilhança faz crer na sua possibilidade. Ultimamente tudo tem sido assim, tudo o que acontece é inverosimil.

Diz-se que o imperador da Allemanha visitará a exposição, sendo n'essa visita acompanhado pelo imperador da Russia, que confia bastante na sua popularidade entre os francezes para não recear uma má recepção ao seu apresentado.

Todos amigos.

O telegramma conclue dizendo que a noticia foi bem recebida.

Muitas amizades, como se vê, a não ser que a China transtorne tudo.

Porque andam todos desconfiados. Dizem noticias de Londres que os americanos retirarão as tropas que teem no Celeste Imperio, se a Allemanha e a Russia não explicarem claramente os seus propositos.

A questão vai-se entretanto acalmando e já as bandeiras russas e francezas fluctuam nas torres do palacio imperial.

Como a China está longe d'aquella pacata simplicidade em que nos tinhamos costumado a vel-a, atravez d'uns quadros de opera comica, de figurinhas com cabeças de marfim nos leques, de bons mandarins de roliços ventres nos bojos das jarras de porcelana!

Tambem ella inspirou excellentes paginas a Eça de Queiroz n'esse bello romance de fantasia, o *Mandarim*, cheio de espirito, de observação, de caricaturas que, com serem tão carregadas nos traços, são ainda verdadeiros estudos de caracteres humanos.

Quantas e quão extraordinarias qualidades concorriam n'esse homem, que bem merece por isso a grata manifestação que se prepara para o dia em que chegarem a Lisboa, a bordo do *Africa*, os restos mortaes do glorioso escriptor.

Fala-se em pedir á camara para que mude o nome da rua do Carmo em rua Eça de Queiroz. Não concordamos com essa parte da manifestação, que iria collocar um nome glorioso a par dos de muitos conselheiros Acacios e talvez de peor gente ainda. Seria ainda menos do que haver pedido para elle em vida um titulo banal de visconde.

Ainda não ha muitos dias, um vereador protestou na camara contra a mudança do nome d'um pateo em cuja esquina se quiz immortalisar um notavel desconhecido.

A melhor razão que se dá para tal mudança lembrada agora é ser a rua do Carmo communicação para a rua Garrett que vai dar ao Largo de Camões. Haveria assim tres nomes consecutivos de homens a quem muito deve a gloria das letras portuguezas. Ora o que devia propôr-se n'uma assembléa de escriptores era que a rua Garrett voltasse a ter o nome antigo, por que todo o povo, que afinal é sensato n'esses assumptos, ha de sempre conhecel-a.

Deixemos, já que infelizmente assim tem de ser, esse previlegio a vereadores sem noções d'arte nem de historia, que assim se obsequeiam mutuamente. A historia, a arte, o bom gosto e até o bom senso prohibem essas mudanças, que apenas servem para maiores confusões, entre as quaes muito seria a de poder suppôr-se que Eça de Queiroz valeu tanto como muitos, cujos nomes florescem pelas esquinas de avenidas e ruas e que foram ou são simples sombras de zeros.

O sentimento ordena muito mais em favor de quem foi um dos maiores escriptores d'este seculo e das maiores glorias de Portugal.

Não é motivo para esquecermos outros. Quem leu meia duzia de paginas da *Vida de Nuno Alvares* sabe o que essa palavra *Carmo* significa. Eça de Queiroz sabia-o perfeitamente, porque tinha como Oliveira Martins respeito pelas nossas velhas glorias.

Deixemos em paz os nomes das ruas.

N'ellas muita vez se acha escripto a historia d'uma cidade.

João da Camara.

CARTAS DA EXPOSIÇÃO

Se todos os dias fossem como esse quinze de agosto, tinham os empresarios da exposição feito um negocio maravilhoso. Perto de seis centas mil entradas! Calculem. Duas vezes toda a população de Lisboa!

Os comboios desde a vespera não faziam senão despejar viajantes por todas as estações, que se erguem dentro d'este Paris immenso, agora immensamente accrescentado na sua população.

Mal um homem se podia mexer, apertado por todos os lados, levado muita vez com os pés no ar por essa onda immensa, que quasi toda se dirigia para a porta monumental.

A' noite a illuminação foi brilhantissima. Imaginem, se podem, o effeito que produziam os palacios todos illuminados, as fontes do Campo de Marte, a Torre Eiffel que parecia em braza.

Um deslumbramento!

Quinze d'agosto! A data recordava a varios velhotes, homens de meia edade pelo menos, outras festas, outras illuminações, que n'aquella noite annos a fio se repetiram. Era a festa de Napoleão. Esse homem, *le Petit*, ainda por aqui conserva seus fanaticos. Quando aqui esteve o Imperador da Russia havia quem gritasse com boa vontade dos pulmões: *Vive l'Empereur!* E não se sabia ao certo, de que imperador falavam. De tudo isso, a proposito de luminarias, conversámos n'essa noite.

E ainda, a proposito de imperadores, se torna a conversar muito.

Diz-se que o Imperador de Allemanha virá visitar a exposição de Paris, mas que, pelo sim pelo não, será acompanhado pelo seu collega da Russia, que, como sabem, tem em Paris fanaticos e é, pode dizer-se, popular. A noticia não tem cara de verdadeira, mas ha quem creia n'ella e quem deseje que tal succeda para garantia de paz.

A proposito. Vende-se aqui muito um bilhete postal illustrado, que não deixa de ser curioso. Representa um automovel, todo florido, levando os reis dos principaes estados da Europa. N'uma bandeira lê-se: *Vive le paix!* Todos os soberanos parecem uns com outros na melhor das harmonias. O nosso rei D. Carlos lá vai saudando quem passa com o seu bonnet de marinha. Por baixo lê-se: *Le clou-rêve de l'exposition.*

Um lindo sonho com effeito, que a viagem dos dois grandes imperadores decerto ajudaria.

A exposição será prorogada até fins de novembro. Parece ser uma medida muito acertada, tanto mais que o verão de S. Martinho não é previlegio das nossas nações do sul. Dizem-me maravilhas d'esse tempo em Paris, que é, frequentemente formosissimo, depois das primeiras chuvas e não raras vezes das primeiras neves.

O que infelizmente veiu trazer a estes ultimos festejos uma nota bastante dolorosa foi o desastre, que no sabbado se deu na *passerelle* dos Invalidos e do qual resultou a morte de tres pessoas e gravissimos ferimentos em muitas outras.

A *passerelle* não era felizmente muito alta, trez metros apenas. Uma parte do parapeito desabou e centenares de pessoas cahiram d'aquella altura, ferindo-se gravemente na queda, ainda mais feridos pelos que sobre ellas cahiram. A confusão foi enorme; não se ouviam senão gritos de dôr.

Um outro desastre se deu tambem em Paris, de que não daria conta, pois foi muito longe da exposição, se eu não fosse *un monsieur qui l'a échappé belle.*

Sempre que ha uma desgraça todos estiveram por um triz a ser victimas. É sabido. Pois d'esta vez, sou um d'esses.

A's 7 horas da tarde na Praça de Clichy abalroaram um omnibus e um tramway electrico. O omnibus ficou todo partido, atirado como foi a grande distancia, com seus cavallos e passageiros. Pois eu vinha logo atraz; voltava da exposição e ia á *Villette* jantar com um meu amigo brazileiro.

No local falava-se muito em muitos mortos, mas a verdade é que apenas houve uns seis feridos de gravidade.

Passemos a noticias mais alegres.

Não foi feio o resultado obtido pelos expositores portuguezes. Bastantes *grand-prix*, muitas medalhas d'oiro, muitissimas recompensas.

Os bombeiros do Porto fizeram um figurão. Que bella recepção lhes ha de ter sido feita na cidade invicta! A promptidão com que resolveram o problema que lhes foi proposto e o desembaraço com que executaram todos os seus trabalhos de perigosa gymnastica, alcançaram-lhes o primeiro premio no camponeato: mil e quinhentos francos em dinheiro e uma bella taça offerecida pelo Presidente da Republica.

Na festa da distribuição dos premios falaram os srs. Loubet e Milleraud. Lá vimos no cortejo a nossa bandeira, saudada com muitas salvas de palmas.

Sempre consola.

Paris—26 de agosto de 1900. *M. C.*

AS NOSSAS GRAVURAS

JOSÉ MARIA EÇA DE QUEIROZ

(Notas biographicas)

O grande romancista portuguez, cuja perda é deplorada pelos homens de letras de todas as nações, será brevemente transportado para Lisboa a bordo do *Africa*. Os representantes de quasi todos os jornaes da capital, reunidos na sala da redacção do *Dia*, resolveram nomear uma commissão que tratasse deconseguir do governo o transporte do cadaver do Havre para Portugal a bordo d'esse navio de guerra ou de alguns dos novos cruzadores, se estes viessem primeiro. Assim se fará, visto o governo estar de acordo e já haver o consentimento da familia de Eça de Queiroz.

O corpo será levado do Terreiro do Paço até ao cemiterio n'um dos carros triumphaes, que são propriedade da camara municipal. O chefe do estado será convidado a fazer-se representar.

Os homens de letras terão assim feito a sua manifestação a um dos mais gloriosos vultos da actual geração, o qual até hoje não teve entre nós rival no romance naturalista e póde hombrear com os mais notaveis do mundo.

Filho do Dr. Teixeira de Queiroz e da sr.ª D. Carolina Eça, José Maria Teixeira de Queiroz nasceu em 1846, na Povoa de Varzim e formou-se em Coimbra no anno de 1867.

Entrando na carreira administrativa foi nomeado administrador do concelho de Leiria. A' sua estada n'aquella terra de provincia devemos o seu primeiro grande romance, depois refundido, augmentado e dado como definitivo, pelo auctor, *O Crime do Padre Amaro*.

Não é verdade que a publicação d'este romance motivasse qualquer polemica com o auctor de *La Faute de l'abbé Mouret*. Quando o romance de Zola appareceu, já *O Crime do Padre Amaro* corria mundo, tendo apenas um ponto de contacto com o romance francez... no titulo.

Eça de Queiroz ja escrevêra com Ramalho Ortigãos *Os Misterios da Estrada de Cintra* no qual com um assumpto a principio rocambolesco os dois escriptores provaram seus bellos talentos e commoveram Lisboa inteira, excitando-lhes a curiosidade.

Em 1870 Eça de Queiroz foi a concurso para consul, obtendo a maior classificação e em 1872 era nomeado consul da Havana, para onde partia. O seu bello nome litterario estava feito. Artigos em varios jornaes, contos, e sobretudo as *Farpas*, tambem de collaboração com Ramalho, haviam-o classificado.

Como consul em Havana prestou relevantes serviços e, com perda dos seus melhores emolumentos, vibrou um golpe decisivo na immoralissima emigração que para Cuba se fazia de chinezes pelo porto de Macao.

D'uma carta que Ramalho ha annos dirigiu á sr.ª D. Guiomar Torrezão copiamos uns periodos: «Mas o encanto da obra d'arte não é senão uma parte relativamente minima no encanto total, que é o apanagio do perfeito artista. Por isso em Eça de Queiroz eu prézo ainda mais do que o eminente homem de letras o homem de coração terno e de immaculado caracter que n'elle se conjunta, o alegre compadre, o jovial companheiro, o elegante conviva, o primoroso camarada, o leal amigo.»

O coração e o caracter de Eça de Queiroz definiram-se no facto que succintamente apontámos.

Transferido para New-Castle em 1874, para Bristol em 1876, foi finalmente nomeado em 1888 consul de Portugal em Paris.

Trabalhando constantemente, seu nome, ora nos apparece assignando inimitaveis chronicas nos jornaes brazileiros, ora nas capas de novos romances sempre avidamente procurados.

Uma vez por outra, avistavamos em Lisboa a sua figura alta, magra, o seu monoculo prescrutador.

Além do *Crime do Padre Amaro* os mais notaveis romances de Eça de Queiroz são, *O Primo Bazilio*, *O Mandarin*, *A Reliquia*, e *Os Maias*.

A Illustre Casa dos Ramires, cuja conclusão não chegou a apparecer na *Revista Moderna* por ter terminado a publicação d'este jornal sahirá brevemente em volume.

Eça de Queiroz deixou concluida a primeira parte do seu livro *As cidades e as serras* e pelo menos adeantadissima a segunda parte.

Os almanacks encyclopedicos publicados em 1896 e 1897 pelo fallecido editor Antonio Maria Pereira foram feitos sob a direcção de Eça de Queiroz, que para elles escreveu prologos primorosos, dignos do mais notavel dos estylistas.

Em folhetins publicou na antiga *Gazeta de Portugal*, os romances *Senhor Diabo*, *Memorias de uma freira* e o *Milhafre*, e ainda n'outro jornal *A Morte de Jesus*.

Eça de Queiroz estava trabalhando, quando a doença o veio prostrar em romances inspirados nas lendas de S. Christovam o bom gigante, e de S. frei Gil, o celebrado bruxo portuguez.

Da carta já citada de Ramalho Ortigão seja-nos licito ainda transcrever um paragrapho: «Como nada é mais doce ao perfido coração humano do que o anniquilamento das coisas que com mais inveja se admiraram, muitos pincham agora de satisfação dizendo-nos que acabou o *naturalismo*, de que o meu amigo foi o porta-voz em Portugal. Boa novidade! tambem o sr. D. João VI morreu, mas escusam os criticos modernos de se dar ares, porque não foram elles que o mataram. O naturalismo findou simplesmente porque os homens de genio por quem elle foi cultivado o subiram á mais alta perfeição que pode attingir a forma. Mas quem primeiro nos annunciou que o naturalismo morrêra para a arte foi o mesmo auctor do *Primo Basilio*, indo buscar ao *Flos Sanctorum* e aos Bolandistas, ao symbolismo das lendas christãs, ao maravilhismo dos agiologios, ao illuminismo dos Fra-Angelicos e dos Memlings, a inspiração do seu novo livro sobre a vida de S. Christovam.»

Dizem-nos que d'esses livros mysticos algumas paginas pelo menos ficaram completas. Maravilhosas devem ser; pois que Eça de Queiroz já revelára com que inspirado estylo poderia escrevel-as, com que luminosa fantasia ideal as.

Em 1878, a proposito do *Primo Bazilio*, Guerra Junqueiro publicou um artigo bello, em que se mostra profundamente commovido pela altissima revelação de talento, que o deslumbrara n'aquellas paginas immortaes. Referindo-se ao estylo de Eça de Queiroz acha-lhe qualidades admiraveis, que define em linhas enthusiasticas. Termina, porém, o elogio com uma pequena adversativa, muito verdadeira em 1878 e que por hoje não ter cabimento copiaremos para maior gloria ainda do escriptor agora sem macula: «Infelizmente Eça de Queiroz não conhece ainda todos os recursos brilhantes de que pode dispor, manejada por um espirito moderno, a antiga lingua portugueza. A's vezes a sua idéa rebenta o involucro que a contem. Faz lembrar um gigante com um casaco muito apertado, que, estoirando de subito, deixasse ver, juntamente com uma camisa, uma musculatura poderosa. Ora na lingua portugueza ainda ha o panno necessario para talhar um fato completo pela medida de Sansão.»

Ora Sansão mandou fazer o fato, para nos servirmos da pittoresca imagem do grande poeta.

Eça de Queiroz foi casado com a sr.ª D. Emilia de Castro Pamplona, irmã do sr. Conde de Rezende e senhora de altissimos dotes de espirito e de coração.

Deixa quatro filhos.

A todos os seus parentes enviamos a expressão do nosso sentimento.

ANTONIO TEIXEIRA LOPES

Triumphalmente entrou em casa de seu pae, em Villa Nova de Gaia, o insigne esculptor portuguez.

Faz bem á alma lembrarmo nos de que tanta gratidão, tão justa, illuminou os corações, em honra d'um dos maiores artistas de que possa, em todos os tempes, honrar-se Portugal.

Antonio Teixeira Lopes recebeu na exposição de Paris um grande premio pelos seus trabalhos de esculptura.

O seu nome não era na grande capital o d'um desconhecido. Provam-o as recompensas obtidas nas exposições do *Salon* pelas estatuas do *Caim* e da *Viuva*.

Teixeira Lopes, discipulo de Soares dos Reis na Academia do Porto, foi, em 1885, completar os seus estudos em Paris, onde, desde logo, revelou os dotes de artista, que em toda a sua obra, a passos gigantes, progressivamente foi confirmando, e que o collocaram por fim no alto cume, onde só ascendem as grandes glorias indiscutiveis.

E é assim a do esculptor portuense, o notabilissimo auctor d'essas maravilhas, que hoje o inteiro mundo tem admirado, e que tantas vezes nos commoveu com a alta e mystica expressão das suas obras.

Varias vezes se tem o OCCIDENTE referido aos trabalhos de Teixeira Lopes. Mais uma homenagem lhe vem hoje prestar publicando a gravura da estatua da *Historia*, destinada ao tumulo de Oliveira Martins.

Descrevendo-a diz Antonio Arroyo no esboço critico que publicou sobre a obra de Teixeira Lopes:

«A figura, maior que o natural, apparece sentada d'alto, o busto erguido e a cabeça, que se projecta na rosacea aureolante, olhando para longe e um pouco para cima; veste uma tunica que lhe deixa as pontas dos pés a descoberto e, por sobre os hombros, um manto curto na frente, levemente descahido no peito e descido nas costas até ao chão. Sobre os joelhos, n'um grande livro aberto em que pousam palmas e folhas de carvalho e de que pende a cruz d'Aviz, descançam immoveis as mãos nervosas, descarnadas e longas. A cabeça com os cabellos em madeixas desfeitas e cahidas e os restos d'uma coroa gloriosa que parece querer desprender-se, é forte d'ossatura; longo o rosto e macerado; a fronte ampla, torturada; calmos e enormes os olhos; o nariz fortemente aquilino; a bocca entreaberta e paralysada, contrastando estranhamente com o queixo inutilmente voluntarioso na sua robustez e proeminencia. Domina-a, immobilisando-a, o presentimento tragico d'uma pavorosa catastrophe, sem que comtudo soffram nem a nobreza da expressão, nem a altivez da attitude; uma leve esperança dirige lhe vagamente o olhar dorido para um ponto longinquo, por cima de cousas que se diria, não querver.

«Inexcedivel de simplicidade, homogenea em todos os pormenores que não pertencem a epoca alguma, essa figura parece elevar-se infinitamente e tem o maximo sentimento heraldico da arte gothica; e sendo d'uma *terribilità* formidanda, verdadeiramente dantesca, penetra-a todavia uma onda de bondade, ou melhor de saudade amarga, dolorosa. Ao vê-la, pensamos fatalmente que pelo seu espirito perpassam os threnos do Dante:

.... Nessun maggior dolore
Che ricordarsi del tempo felice
Nella miseria...................

«E entretanto a esperança existe; Martins na sua obra não disse como o poeta ao findar do episodio:

E caddi, come corpo morto cade

«Não. Martins termina o seu *Portugal Contemporaneo*, perguntando se o povo «Dorme ou sonha? Ser-lhe-ha dado acordar ainda a tempo?»

«Com effeito, Teixeira Lopes, viu a imagem terrivel da Historia, ou antes da Alma da Patria, atravez da obra do malogrado escriptor; por isso começou por assental-a no gothico da Batalha, o padrão glorioso da nossa independencia, isto é, da condição primeira da nossa vida nacional. Justamente guiado por uma finissima intuição, é que elle não foi buscar á Renascença, ao seu estylo ou aos seus derivados, quer os elementos architectonicos do monumento, quer o modelo a seguir na representação formal da symbolica figura. Não procedeu pois segundo o uso corrente em obras d'esta natureza, não empregou a forma allegorica triumphal das mulheres robustas e alegres d'essa epoca pagan, sensualista. E, a nosso vêr, muito bem andou; porque, alem de nada ganhar a arte com mais uma estatua decorativa e pomposamente banal que precederia de imitação, facto é que a concepção do historiador não haveria sido, por essa forma, interpretada com consciencia e rigor.»

Além d'esta estatua maravilhosa, muitas outras obras de Teixeira Lopes concorreram para a gloria do nome de seu auctor.

Recordemo-nos do que em Lisboa se passou quando na egreja de S. Domingos foi exposta a esculptura em madeira da Rainha Santa Isabel.

Não admira portanto que á sua chegada á patria o artista, que tanto nos honrou perante o mundo, fosse recebido como verdadeiro triumphador.

Que consolação para a sua boa alma! Que alegria a de saber que de alegria estava enchendo os corações dos seus, dos muitos amigos que o adoram, dos muitos admiradores que, ha muito, lhe prophetisavam o advento d'este dia de justiça e que, hoje, só não podem gloriar-se de haver lido no futuro, porque era facil a previsão.

Mais de cinco mil pessoas esperavam Teixeira Lopes na estação das Devezas. As janellas das ruas por onde o cortejo ia passando estavam adornadas com colchas. De todas eram atiradas petalas de flores sobre o artista. Muita musica, muitos foguetes, muitas palmas, muitos vivas.

O *atelier* encheu-se de amigos. Todos o felicitavam com o calor do enthusiasmo que a todos inspira o seu talento, com o amor que todos consagram á sua alma de singular formosura.

Uma festa commovente, commovente sobretudo porque foi justissima.

As Infantas D. Isabel Maria e D. Maria Benedicta de Bragança

Acompanhando o gentil retrato das duas infantas de Bragança, que publicámos n'este numero, pedimos venia ao nosso estimado collega *A Nação*, para transcrever o sentido, delicado, e encantador artigo, com que o enmolduróu a penna do joven poeta Alfredo Serrano.

11 de agosto. — Anniversario de Sua Alteza Real a Infanta Dona Maria Benedicta.

São duas Infantas de Portugal, duas creanças encantadoras, inscientes das lutas da politica, levadas tão só do desejo de trajarem... á moda do seu paiz!

ANTONIO TEIXEIRA LOPES

E como se reparte por essas duas physionomias o quer que seja de triste — a tristeza do exilio em que nasceram e vivem — diluindo-se n'uma bondade e reflexão precoce, se bem que herdadas!

É comparar retratos: na mais nova, que hoje completa os seus quatro annos, revê-se aquelle semblante de santidade e intelligencia, que sempre foi o da prestigiosa Rainha, hoje Monja, Dona Adelaide de Bragança; na mais velha, espelha-se a alma carinhosa, a virtude, o fino e lucido espirito de sua Augusta Mãe, e para nós Rainha, Dona Maria Thereza de Bragança.

Não teem biographia essas duas Infantas; e se a tiveram, ella ahi fica nas linhas sentidas que vão ler-se, traçadas por quem de perto as tem tratado, e já compartilha das amarguras do exilio.

Aqui, e publicando esse grupo adoravel, só queremos consignar as nossas saudações e respeitos pelo dia de hoje, e dar aos nossos bons amigos, áquelles sobretudo que vão rever n'aquelles trajes a lembrança permanente que de Portugal vive em tão longes terras, o saudavel ensejo de uma commoção grata e boa, como a por nós sentida ao ver a photographia original.

Enojam-nos confrontos; detestamos a popularidade ganha em aras sacrificadoras da verdade ou por processos de illusão aos ingenuos. O que ahi fica é, por assim dizer, roubado á vida intima do Exilio; o que vae ler-se é apenas uma pagina sincera da chronica da nossa côrte.

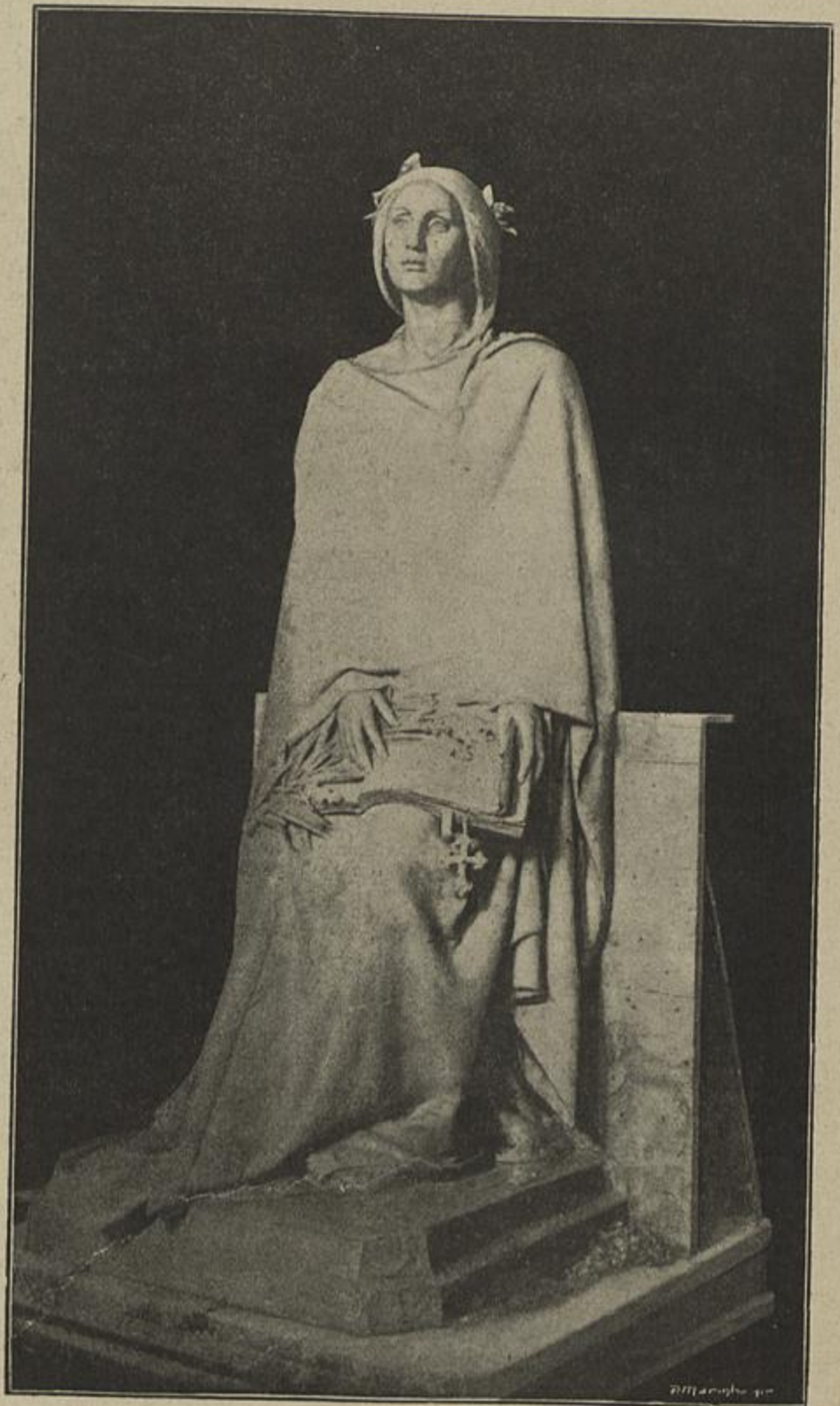
Se existe alguma consolação para exilados e para aquelles que os acompanham, é decerto saberem os primeiros formar do seu exilio um ninho onde se retempere a coragem e a visão do futuro e os segundos gozarem de um pequeno paraizo, onde tudo fôra doce se não existisse a lembrança da patria ausente. Se a Familia Real Portugueza constitue no seu amargo exilio o modelo mais perfeito de integridade de caracter, honra, patriotismo e amor a Portugal, os que a acompanham compensam bem a tristeza de se verem longe do seu paiz, considerando que aqui tambem ha uma pequenina patria. Por estes castellos principescos, semeados no meio dos campos, onde ainda reside uma atmosphera de nobreza, onde o povo é humilde e bom e os senhores generosos e bizarros, no meio d'esta vegetação pesada e escura, debaixo d'este céo carregado e ameaçador, eu, uma vez contemplando a paizagem que a neve empoa de branco, outras querendo perfundar o fundo d'esse abysmo sem fundo de onde a chuva cae a cordas, encosto-me á janella de algum torreão rendilhado a pensar no meu sol claro e ardente, no meu céo azul e claro, nas minhas arvores alegres e buliçosas. E, se por estes campos fóra, tudo me fala uma lingua que eu não entendo, se os meus olhos não comprehendem o sol raro e o céo toldado, se os meus ouvidos não comprehendem o murmurio das arvores e as canções do povo, se o meu coração não comprehende as planicies onde nuvens de corvos negrejam e as montanhas onde nuvens de nuvens acrobatisam, ao menos, portas adentro dos castellos eu entendo bem a expressão dos rostos e as vozes que falam, porque falam portuguez.

No Tyrol ou na Bohemia, na Baviera ou na Styria, os castellos mudam, as arvores teem um verde mais ou menos claro, o céo é mais ou menos nebuloso, mas a lingua é a mesma, mas falase sempre portuguez em casa dos descendentes de D. João IV. N'este pequenino mundo portuguez exilado, porém, a maior das consolações é saber perpetuado o amor a Portugal, passado de almas de oiro a almas de oiro. Que grande alegria não se sente ao ver n'esses castellos, pelos parques ou pelos salões, dois pequeninos entes, duas princezas de tenra edade, que põem na gravidade de toda a casa uma nota vivaz e como duas borboletas pousando sobre um feixe de lyrios! Portuguezas de nascimento, portuguezas já por educação, portuguezas sobretudo por indole propria, as duas Infantas, primeiras filhas do segundo matrimonio de El-Rei, falam sempre portuguez; os versos de João de Deus começam a ser-lhes familiares e não ha uma das suas orações que não sejam ditas em portuguez. Se virem um atlas, com uma graça infantil e encantadora, folheiam-n'o logo e em certa pagina, ou só, ou n'um mappa da Europa, com uma expressão subtil propria de sua mãe, apontam alli n'um canto, dizendo:

— Aqui é Portugal!

E é Portugal, é, que as pequeninas Infantas já conhecem em todos os seus recortes e linhas, como uma pessoa conserva gravados na memoria todos os contornos de um retrato de familia. E quantas vezes, ao fundo dos vales do Tyrol ou nas estradas da Styria, quando os comboios passam, as encantadoras princezas perguntam resolutas á sua professora portugueza que sempre as acompanha:

— Aquelle é o que vae para Portugal?

E quasi sempre a grande cobra de ferro, rangendo as suas articulações, passa assombrando, ameigada por olhares de anjo, como se ella fosse realmente para Portugal! Mas as illusões tornam-se de vez em quando em resoluções e muitas

A HISTORIA — Premiada com *grand-prix*, na Exposição Universal de Paris

ESCULPTURA DE TEIXEIRA LOPES

occasiões se ouviu uma das Infantas dizer durante um passeio:

— Se o comboio passa, vamos para Portugal!

Se as vozes infantis não teem ainda a consciencia das coisas! Se as duas princezas soubessem o que é uma guerra fratricida, um rei que sabe do seu legitimo reino, um exilio que se prolonga ha setenta annos! Tenho mesmo confiança que, quando chegarem á edade de o saberem, o exilio seja passado já, e a historia portugueza lhes seja ensinada ás luzes do sol portuguez!

De uma meiguice e intelligencia extraordinarias, que prendem e encantam quem tem a felicidade de as conhecer, as duas Infantas Dona Isabel e Dona Benedicta começaram já a mostrar-se um modelo vivo das virtudes de seus Avós, de seus Paes e de seus Tios! Isto é, ellas são dois novos rebentos n'esta arvore da verdadeira familia Bragança, que nunca será extincta e que um dia proximo expandirá os seus ramos e flores ao calor do nosso sol e á doçura das nossas noites! E como em tudo são portuguezas, não ha dia de festa, não ha occasião azada, em que ellas não sejam as primeiras a pedir que lhes vistam os fatos portuguezes, os costumes caracteristicos do norte do paiz, trabalhados por mãos portuguezas e trazidos das soberbas regiões do Minho!

E é por tudo isto, no meio d'esses campos que não são os meus e d'esse sol que não me aquece, que eu me alegro sentindo que Portugal vive aqui uma vida de amor n'esta familia, onde as duas princezas são ornamentos de preço inestimavel! Se alguma coisa lhe póde já começar a ser agradavel é o irem sabendo que, se ellas pensam em Portugal continuamente, os portuguezes pensam em suas Altezas e em seus Augustos Paes.

Alfredo Serrano.

INFANTAS D. ISABEL MARIA E D. MARIA BENEDICTA DE BRAGANÇA

O CYCLISMO

9 — Doenças que melhoram pelo uso da bicycletta

Todas as doenças que diminuem a nutrição tiram beneficios do ssport velocipedico; apontamos a *uricemia*, a *gotta*, a *obesidade*, a *diabete azoturia*, as *colicas hepaticas* e *nephreticas*. Na diabete assucada deve recear-se o *coma* pelo uso da bicycletta em excesso.

Um dos effeitos mais manifestos do cyclismo consiste nas melhoras da *dyspepsia nervosa*, e da *constipação*. Os doentes vêem melhorar-lhes a digestão, voltar o apetite, desepparecer o metornimo e regularisar-se-lhes as evacuações. Comtudo, em caso d'appendicite, deve se ser prudente e aconselhar o uso muito moderado. Deve-se recordar a theoria (que teve certa voga) que grande numero d'appendicites eram n'estes ultimos annos, devidas em grande parte ao abuso da bicycletta.

A *chlorose* e a *anemia* são particularmente melhoradas pelos exercicios cyclistas. Os sopros anemicos desapparecem, segundo Bouchard, e o estado geral melhora visivelmente; o apetite renasce, a constipação desapparece, a face córa-se e ha como uma renovação da actividade de todas as funcções organicas.

As *affecções nervosas*, organicas ou não, são egualmente tributarias do uso da bicycletta. Hammond refere certo numero d'observações d'*hysterias*, *paralysias alcoolicas*, *contractura*, *neurasthenia* vantajosamente combatidas pelo *sport* velocipedico.

São principalmente os doentes atacados de neusthenia benigna que se curam mais depressa; outros, sendo a forma grave, não devem fazer uso da bicycletta, porque á depressão geral das forças ajuntar-se-hia a fatiga, que ainda diminuia a resistencia já tão enfraquecida do systema nervoso.

Muitos neurasthenicos devem á bicycletta a melhora dos symptomas que sentem. Mas são sobretudo os neurasthenicos em quem a doença se desenvolveu apoz fatigas excessivas, tristezas, preoccupações de negocios, doenças agudas, etc.

Estes doentes não fazem parte da grande familia nevropathica e a sua affecção é mais facilmente curavel.

Não acontece o mesmo com os neurasthenicos hereditarios; a doença n'estes está inveterada e resiste a todos os tratamentos os mais bem dirigidos, apezar das melhoras passageiras.

Esta distincção estabelecida por Charcot de la Tourette, é fundamental.

O que acabamos de dizer é tanto mais importante que, em certos individuos menos predispostos, desenvolve-se, em seguida a este exercicio, um estado mental particular que consiste n'uma especie d'automatismo que entorpece o pensamento com o auxilio das sensações physicas, o que explica que certas pessoas encontram n'este *sport* o esquecimento momentaneo das tristezas e dos negocios.

Este estado inconsciente d'automatismo, muito bem descripto por Tissié, pode ir até á loucura, e cita-se, na America, verdadeiros successos de demencia e de mania ambulatoria. Deve-se accrescentar que estes casos são rarissimos.

VI

DO TRENO

1 — Treno

Treno é a reunião de exercicios que teem por fim tornar o mais completa e rapidamente possivel um homem ou um animal aptos para supportar certo trabalho.

O facto de estar trenado comprehende uma modificação soffrida pelos orgãos. Esta modificação não é profunda nem permanente, adquire-se e perde-se muito depressa.

O homem trenado torna-se momentaneamente um temperamento particular; adquire uma nova

conformação que lhe dá aptidões especiaes, mas não muda o organismo; porque recahe na condição de vida d'onde o treno o fez sahir, perde em parte a superioridade que adquiriu. Para conservar o estado de treno, *(em forma* como dizem os trenadores) precisa persistir nos exercicios a que são devidas a conformação mais perfeita e a funcção mais facil dos orgãos.

Todos os exercicios do treno teem por objectivo um duplo fim:

1.º Desenvolver a energia muscular.

2.º Augmentar a resistencia para a fatiga.

Estes dous resultados obtem-se por meios empiricos cujos resultados a experiencia tem provado, e insufficientemente explicado os effeitos.

O treno augmenta o volume das massas musculares e facilita a reabsorpção das gorduras. Ora, a gordura é prejudicial debaixo do ponto de vista do treno.

1.º Augmenta o peso morto, por conseguinte o trabalho mechanico para certo movimento.

2.º Impede a refrigeração do individuo durante o trabalho, d'ahi augmento dos incommodos devidos ao successivo aquecimento do corpo;

3.º Augmenta pela combustão dos seus elementos hydro-carbonados a producção do acido carbonico, o que causa mais cansaço para um mesmo esforço muscular.

O emagrecimento é a primeira phase do treno; obtem-se pelo proprio trabalho que queima os elementos de reserva; torna-se mais rapido por meio de fricções, duches, massagem, banhos de vapor e purgativos se fôr preciso.

As praticas do treno, podem resumir-se em tres grandes preceitos:

1.º Evitar na alimentação tudo o que pode favorecer a reproducção da gordura perdida.

2.º Favorecer a funcção da pelle.

3.º Fornecer á respiração um ar bem oxigenado. Esta terceira condição é facilmente realisada pelo cyclista.

De todos os agentes modificadores empregados pelo treno o mais poderoso é sem duvida o trabalho muscular, todos os outros meios são adjuvantes uteis, mas accessorios. Só o trabalho muscular, pode augmentar o volume dos musculos, e diminuir ao mesmo tempo os tecidos de reserva.

Sob a influencia do trabalho as combustões aceleram-se, as gorduras são queimadas para alimentar a contracção muscular e as transpirações auxiliam o consumo procurado pelo trenado.

Pelo trabalho habitual a falta d'ar diminue, as perdas de desassimilação acabam, o pulmão expelle menos acido carbonico com trabalho egual e deixa d'eliminar certos gazes mal definidos que resultam da combustão de materiaes de reserva, a pelle deixa de exhalar tantos acidos gordos volateis, o rim depois d'um trabalho muscular violento deixa de filtrar quantidades d'acido urico, d'uratos e outras perdas tão abundantes nos individuos não trenados.

Um ponto em que insistem os trenadores é a ausencia de qualquer preocupação d'espirito, de qualquer emoção depressiva, de qualquer desgosto, ou qualquer excesso genesico. Os soffrimentos moraes, as excitações, sejam de que natureza forem, diminuem a energia. Ora, com treno egual, o corredor que for dotado de maior força de vontade chegará mais facilmente ao fim que o seu concorrente. O esgoto nervoso é uma causa poderosa d'inferioridade no treno.

Appliquemos agora estas leis geraes do treno ao *sport* velocipedico.

Todo aquelle que quizer trenar em bicycletta tem de sujeitar-se a um periodo preparatorio que qualifica de treno preliminar. Esta phase um pouco ingrata não é seguida por todos, particularmente pelos amadores; mas, para os corredores, tem sua importancia e deve ter o seu logar n'este estudo. E' em summa uma entrada em materia, um ensaio do verdadeiro treno em bicycletta.

No principio, teem logar os banhos, os *duches*, a massagem, as fricções e os banhos de vapor se o individuo é obeso. Com estas praticas, habituar-se-ha ás variasões de temperatura, tornará flexiveis e fortes as articulações e a musculatura, facilitará as funcções da pelle e augmentar-lhe-ha a resistencia para a fatiga. Por conseguinte, de vez em quando banhos como agua e sabão todas as manhãs, *duche* frio.

Depois deve entregar-se a exercicios variados, halteres, barras parallelas, trapezio, anneis, etc. A corrida, a marcha, a subida das escadas etc. servem para pôr em acção a actividade muscular. Os movimentos de flexão e d'extensão dos membros inferiores e superiores terão effeito excellente n'estes diversos grupos musculares.

2 — *A alimentação*

A alimentação representa um papel capital no treno. O regimen que vamos aconselhar não deve de nenhum modo variar nas suas prescripções fundamentaes; tem por fim restaurar o consumo dos tecidos sem introduzir na economia pezo morto, isto é gordura.

A ração diaria media d'um homem de saude é de 120 grammas de albuminoides, de 380 grammas d'hydocarburetos e de 90 grammas de gordura.

Os hydrocarboretos e as gorduras devem ser supprimidas, ou pelo menos diminuidas consideravelmente.

As materias assucaradas devem entrar em minima quantidade na alimentação, ou melhor abster-se d'ellas.

Outro tanto diremos de todas as bebidas alcoolicas, do cha, do café e principalmente do tabaco, cujo effeito prejudicial sobre o coração é bem demonstrado.

O peixe, os condimentos, os molhos gordurosos, os guizados, a carne de porco devem-se evitar attentamente. A digestão d'estas diversas substancias é difficil, e dão origem mais facilmente á producção de toxinas que enchem o sangue e erritam o rim cuja funcção é indispensavel que seja perfeita nos exercicios de treno.

Os fructos assucarados, os feculentos devem ser rejeitados, pode fazer-se uso de fructas secas, nozes, amendoas e avelãs.

A carne, verdadeiro alimento muscular, os ovos, os lacticinios formarão a base do regimen alimentar do trenado.

A's refeições não deve tomar-se mais de meia garrafa de bebida. A agua com vinho ou agua pura convem perfeitamente. Deverá abster-se de cerveja, xaropes, etc. O chá fraco pode ser permittido.

Não é possivel precizar exactamente para cada individuo a quantidade de alimento que é precizo tomar; varia com o dispendio de força, o trabalho produzido e a resistencia individual.

Depois d'um periodo de treno deve voltar-se á alimentação habitual não rapida mas gradualmente.

A *alimentação do corredor*, no momento de esforço, durante uma corrida de fundo, por exemplo, é totalmente differnte.

Eis o que diz, a este respeito, o dr. Cinq-Mars que é auctoridade no assumpto.

Está superabundantemente provado pela experiencia que, durante a corrida, é preciso não comer.

A digestão é um trabalho; não deve juntar-se este trabalho ao da marcha.

Deve escolher-se alimentos *assimilaveis*, isto é, promptos a entrar no sangue sem esforço preliminar do estomago. Os alimentos de eleição são os caldos fortes e o extracto de carne sob todas as formas.

Nada se pode comparar a esta alimentação, é o que deve constituir a base da alimentação do corredor.

Uma sede atroz acompanha inevitavelmente os grandes esforços musculares.

Esta sede, a sensação talvez a mais penivel para o corredor de fundo deve ser combatida por meios especiaes.

O vinho é uma excellente bebida, mas, tomado em condições d'extrema fatiga, embriaga facilmente, aquece muito.

Deve ser tomado em pequenissima quantidade d'uma só vez, deve ser vinho tinto e de muito boa qualidade.

O café é muito util, apaga a sede, alimenta e dá ao systema nervoso a chicotada indispensavel.

O chá tem todas as vantagens e não estraga o estomago.

Na minha opinião, o chá frio de dia e quente á noute é a bebida por excellencia do corredor.

O sumo de limão deve ser empregado em pequena quantidade; tem uma acção particularmente favoravel sobre a mucosa da bocca.

A tudo isto é preciso juntar o alimento particular da medula, a cafeina pura ou sob a forma mais complexa de kola, o que é melhor.

Entretanto alguns corredores, talvez mesmo todos, dirão que tudo isso não basta e que em certa occasião, precisam beber agua. Effectivamente muitos bebem immoderadamente limonada; mas andariam muito mais prudentemente se bebessem uma agua mineral gazosa cortada com um pouco de vinho.

Estas aguas, longe de lhes fazer mal, far-lhes-iam bem. Direi mesmo mais que se lavassem a bocca com escova de dentes, agua e um dentifrico aromatisado com hortelã pimenta tirariam esta sede que é a constante tortura do corredor.

Os *touristes* não são obrigados a sujeitarem se a todos estes regimens; devem comtudo observar certos habitos se querem tirar do *sport* velocipedico todos os beneficios que elle encerra.

Aconselhamos-lhes tomarem antes de partir proximo das 6 horas da manhã um pequeno almoço bastante substancial.

Café com leite, torradas com manteiga ou ovos quentes.

A's dez horas, descanso de meia hora para tomar um pouco de caldo, leite ou queijo fresco.

Ao meio dia, refeição substancial, mas deve evitar-se comer muito e depressa; beber em grandes tragos bebidas frias ou gazosas e ingerir no fim copinhos de licores mais ou menos digestivos que só teem por effeito retardar o trabalho da digestão.

A's quatro ou quatro e meia, merenda abundante composta d'alimentos, como chá e torradas, ovos quentes, etc.

Oito horas, jantar que não tem indicações especiaes; e não deitar logo depois de comer.

A alimentação assim regulada permitte ao *touriste* reparar as forças á medida que as consome. De verão a sêde obriga-o a parar muitas vezes, bebendo pouco de cada vez, para evitar beber exageradamente ás refeições.

(Continua).

LAMENTO

VERSÃO DO SR. PROSPERO PERAGALLO

Perchè in sogno non mi apparisci mai,
O dolce mia compagna idolatrata,
Che presto a me rapì morte spietata,
Ma che al mio spirto ognor presente stai?

Le preci mie non ti muovono ormai?
O è forse perchè, a consolarmi usata,
Temi, se mi apparissi, che aggravata
Seria la doglia ch'or mi cruccia assai?

Sveglio, mi pare averti a me davante,
Ma fuggi, quando dormo: e è allora ch'ardo
Di desio di vedere il tuo sembiante.

Più il sogno val che luce ben fulgente:
Che la tua voce, il bel contegno, il guardo
Sol mi ritratta il sogno fedelmente.

Genova, 16 Magio 1899.

PEZAR [1]

Porque nos sonhos meus não me appareces,
Ó minha companheira idolatrada,
Que um momento gosei, que és pó, que és nada,
Mas que em meu coração jámais esqueces?

Não te podem mover as minhas preces?
Ou, a poupar-me as dores costumada
Este meu infortunio, apiedada,
Temeras augmentar, se a mim viesses?

Quando acordado, julgo-te comigo;
Foges, quando adormeço; e então, ó cara,
Desejo mais o teu semblanre amigo:

Que vale o sonho mais que a luz mais clara,
Que o ar, a voz, o garbo, o olhar antigo:
Só o sonho fieis te retratara.

Ramos-Coelho.

O REI DAS SERRAS

POR

Edmond About

IV

HADGI-STAVROS

Concluido o tratado, estabeleci-me a um canto para dar principio á minha caçada domestica; mas logo os curiosos, sob pretexto de nos trazerem as barracas, reappareceram no horizonte. M.me Simons deu altos berros, quando viu que afinal a

[1] *Reflexos*, poesias de Ramos-Coelho, Lisboa, 1898, typ. Castro Irmão, 8.º 1 vol.

casa que lhe davam compunha-a, muito simplesmente, um pedaço de feltro grosseiro, dobrado pelo meio, seguro á terra pelas pontas e aberto aos ventos pelos dois lados. O Corfiote assegurava que ficariamos que nem principes a não dar-se o caso de grande chuva ou ventania. A malta enterrou as estacas e armou as camas, que se compunham d'um tapete coberto por uma pelle de cabra. A's seis horas veio o rei ver se nos não faltava nada. M.ess Simons, cada vez mais desesperada, declarou que lhe faltava tudo. Pedi formalmente a exclusão de todo o visitante inutil. O Rei deu logo ordens terminantes, que nunca foram cumpridas. Disciplina é palavra que não tem traducção em grego.

O Rei e seus subditos retiraram-se ás sete horas.

Trouxeram-nos a ceia. Davam luz á mesa quatro tochas de madeira resinosa. A luz vermelha e fumacenta córava de modo extranho o rosto pallido de M.ess Simons. Parecia que seus olhos se apagavam por vezes ao fundo das orbitas e se reaccendiam como faroes girantes. A voz, quebrada pelo cansaço, retomava de quando em quando um brilho singular. Ouvindo-a, perdia-se-me o espirito pelas regiões sobrenaturaes e assaltavam-me não sei que reminiscencias de contos fantasticos. Um rouxinol poz-se a cantar e cuidei ver uma voz argentina adejar pelos labios de Mary-Ann.

O dia fora para todos trabalhoso e até eu, que dei provas brilhantes de meu apetite, reconheci que só tinha vontade de dormir. Dei as boas noites ás senhoras e fui-me para a barraca. Rouxinol, perigos, resgate, mordidelas, tudo esqueci. Fechei os olhos e entreguei-me ao somno.

Acordou-me de sobresalto uma descarga medonha. Levantei-me tão de repente que dei uma cabeçada n'uma das estacas da barraca. No mesmo instante ouvi duas vozes de mulher gritando:

—A policia! Estamos salvas!

Na minha atrapalhação abracei-me á primeira sombra que me appareceu á mão. Era o Cofiote.

—Alto! gritou elle. Para onde vai, se faz favor?

—Perro! Ladrão! respondi. Vou ver se a policia já deu cabo de todo os teus companheiros.

M.ess Simons e a filha, guiadas pela minha voz, caminharam até onde estavamos.

—A policia hoje não se mexe, explicou o Corfiote. E' duas vezes dia de festa, ascensão e primeiro de maio. E' meia noite, até ámanhã por estas horas é só bebermos vinho, comermos carne, dançarmos a Romaica e queimarmos polvora!

—Mentiras! E' a policia que chegou! disse M.ess Simons.

—Vamos ver! disse Mary Ann.

Fui com ellas. Era tal a barulhada que ninguem poderia dormir.

O nosso guia fez-nos atravessar o gabinete do Rei e mostrou-nos o campo dos ladrões illuminado como por um incendio. De espaço a espaço, ardiam pinheiros inteiros. Cinco ou seis grupos, sentados em volta das fogueiras assavam cordeiros espetados em páos. Pelo meio da multidão uma bicha de dançadores serpenteava lentamente ao som d'uma musica de arripiar. Os tiros eram por todos os lados. Assobiou-me uma bala ao ouvido. Dobrámos o passo, calculando não haver perigo ao pé do Rei.

Sentado no velho tapete, com toda a solemnidade, lá o vimos presidindo ás festas de seu povo. As borrachas esvasiavam-se como garrafas, os cordeiros eram engulidos como perdizes.

De tempos a tempos, um dançarino deixava a dança, bebia uma boa golada de vinho, engolia um pedaço da carne, atirava um tiro e voltava para o baile.

Todos, com excepção do Rei, bebiam, comiam, uivavam e saltavam. Nenhum se ria.

Hadgi-Stavros, muito delicado, pediu-nos desculpa de que nos houvessem acordado.

—A culpa não é minha, disse-nos. Isto é costume. Esses homens são gente simples, educados no campo e arreigados ás tradições. Tambem eu fui assim, antes de conhecer a civilisação europeia. Infeliz comecei a viajar já muito tarde. Quem me dera ser novo, ter para ahi os meus cincoenta annos. O meu sonho seria o bandoleirismo sem desordens, sem disturbios, sem barulho. Mas não tenho quem me auxilie. Gostaria de ter o recenseamento exacto da porulação do reino, com o estado approximado dos bens de cada um, moveis e immoveis. Quanto aos estrangeiros, agentes estabelecidos em cada ponto informar-me-hiam dos nomes, posição, itinerario e quanto possivel, dos bens de fortuna de cada um. Em cada estrada organisaria um posto de empregados limpos e bem criados. Em França e Inglaterra vi ladrões elegantissimos, que nem por isso deixavam de fazer excellentes negocios. O bandoleirismo seria assim um imposto sobre a circulação, justissimo, porque seria proporcional, normal, porque assim foi desde os tempos heroicos. Dir-me-ha que nos termos da constituição nenhum imposto póde ser lançado sem o voto das duas camaras. Tivesse eu tempo, comprava o senado e fazia uma camara de deputados só minha. Se fosse preciso, criava-se um ministerio das estradas.

Suspirou solemnemente e continuou:

—Falo-lhe com o coração nas mãos. Sou assim; é meu costume velho. Não me escondo nunca, não tenho medo de ninguem. Quando ler nos jornaes que me procuram, são ficções parlamentares; toda a gente sabe sempre onde estou. Não temos ministros, nem exercitos, nem tribunaes. Os ministros bem sabem que com um gesto atiro com um gabinete a terra. O exercito está todo do meu lado; dá-me recrutas e em troca dou-lhe officiaes. Quanto aos srs. juizes, conhecem os meus sentimentos. Não direi que gosto d'elles, mas fazem-me dó. Pobres, mal pagos, não se lhes deve exigir uma honradez por ahi além. Sustento alguns, outros, poucos tenho enforcado; sou portanto o bemfeitor da magistratura.

Com um lindo gesto mostrou-me o céo, o mar e a terra.

—Tudo isto é meu. Quanto no reino respira é meu subdito pelo medo, pela amizade ou pela admiração!

Não se riam da minha simplicidade germanica. Aquelle discurso commoveu-me profundamente. Mau grado meu, admirei tanta grandeza no crime. Era o primeiro patife cheio de magestade que encontrava na vida. Aquelle diabo, que havia de cortar-me o pescoço d'ali a um mez, inspirava me quasi respeito. Aquella estatua de marmore, tão serena em meio da orgia, surgia a meus olhos como a do destino inflexivel. Não pude conter-me que lhe não dissesse:

—Sim! E' verdadeiramente um Rei!

—Sou. Se até nos inimigos encontro lisongeiros! respondeu sorrindo. Ora diga a verdade: esta manhã olhou-me como a homem que não se desgostaria de ver enforcado.

—Pois com franqueza confessarei que ao principio tive um certo movimentosinho de mau humor. O resgate que me exigiu não tem pés nem cabeça. Que exija cem mil francos a essas senhoras, que os teem, é coisa natural do officio, mas a mim, que nada tenho, quinze mil, isso é que é inadmissivel.

—Nada mais simples entretanto. A viagem á Grecia custa caro. Os que cá o mandaram dão-lhe pelo menos trez ou quatro mil francos por anno. Se fazem essa despeza lá teem as suas razões. O amigo representa portanto um capital de sessenta a setenta e cinco mil francos. Resgatam-o por quinze mil, ainda lhes sai barato.

—E' que o estabelecimento que me paga não tem capital, só tem rendimentos. O orçamento do Jardim das Plantas é votado todos os annos pelo Senado; por descuido imperdoavel, um caso d'estes não foi previsto e... Emfim não sei como lhe explique; não haveria maneira de perceber-me.

—E que percebesse? respondeu-me com tom altivo. Uma palavra minha faz lei. Posso ser injusto, não posso ser fraco. Uma injestiça prejudicava os outros, uma fraqueza a mim proprio me prejudicava. Disse, e houve testemunhas que me ouviram, que queria quinze mil francos ou que lhe cortava a cabeça. Arranje-se como puder. Em 1854 condemnei duas pequeninas, que tinham a edade da minha querida Photini. O meu coração de pae vertia sangue e o Bazilio tremia-lhe a mão. Mas fui inflexivel, porque me não pagavam. De que me serviria haver matado os dois anjinhos se, depois d'isso, deixasse que o senhor se fosse embora sem pagar coisa alguma?

Curvei-me, não achando resposta a dar á logica inflexivel do carrasco.

Bateu-me amigavelmente no hombro.

—Vamos! Coragem! Tambem eu já vi a morte de muito perto e aqui estou são como um pero. Quando foi da guerra da Independencia, mandou Ibrahim que sete egypcios me espingardeassem. Seis balas perderam-se, e a outra bateu-me na testa sem penetrar. Quando os turcos chegaram para levar o meu cadaver, tinha eu desappareci-do na fumaceira. Ainda terá mais dias do que calcula para viver. Escreva a todos os seus amigos de Hamburgo. Entretanto vá com essas senhoras descançar. A minha gente bebeu uma golada a mais e já olha para as inglezas d'um feitio... Pobres diabos condemnados a levar uma vida de abstinencias e que não teem, como eu, setenta annos!

Effectivamente começavam a apertar o cerco em volta de Mary-Ann, que olhava para todas aquellas caras extraordinarias com innocente curiosidade. Os ladrões, de cocoras em frente d'ella, elogiavam-a em termos, que, felizmente, não percebia. O Corfiote recuperára o tempo perdido e veio offerecer a Mary-Ann uma caneca de vinho, que ella repelliu com altivez. Cinco ou seis bebados, mais inflammados que os restantes, jogavam uns com os outros á pancada, como querendo animar-se para maiores emprezas.

Fiz signal a M.ess Simons, que se levantou. Mas, quando ia offerecer o braço a Mary-Ann, o Basilio, muito vermelho, adeantou-se a cambalear e fez menção de agarral-a. Saltei n'elle e deitei-lhe ás guelas os meus dez dedos. Levou a mão á cintura procurando puxar pela faca, mas antes que tal conseguisse, arrancaram-m'o das mãos e vi-o atirado a dez passos para traz pelo braço poderoso do velho Rei. Ouviu-se na assembleia um murmurio ameaçador. Hadgi-Stavros ergueu a voz acima do barulho:

—Caluda! Mostrem-se Helenos; não me pareçam Albanezes!

E accrescentou para nós, baixinho:

—Vamos, depressa! Corfiote, não me deixes. Sr. allemão, diga a essas senhoras, que ficarei de vigia á porta do quarto d'ellas.

Não estavamos a cem passos, quando por entre nós, sibilando, passou uma bala. O velho palicaro nem se dignou voltar a cabeça. Olhou para mim sorrindo e disse-me a meia voz:

—Sejamos indulgentes; é dia da Ascenção.

Aproveitando as distracções do Corfiote, que esbarrava a cada passo, disse a M.ess Simons que precisava fallar lhe particularmente.

—Tenho um segredo importante a revelar-lhe. Deixe-me ir até á sua barraca, emquanto o nosso vigia dormirá o somno de Noé.

Talvez lhe parecesse pouco respeitosa a minha comparação biblica; respondeu-me seccamente que não podia haver segredos a partilhar entre nós Insisti. Teimou. Disse-lhe que havia descoberto o meio de nos safarmos sem abrir a bolsa. Deitou-me um olhar desconfiado, consultou a filha e concedeu-me porfim o que lhe eu pedia. Hadgi-Stavros favoreceu a nossa combinação, dizendo ao Corfiote que ficasse ao pé d'elle. Mandou estender o tapete no alto da escada rustica que conduzia aos nossos aposentos, collocou as armas á mão e desejou-nos os mais doirados sonhos.

Prudentemente estirei-me na minha barraca até que ouvi roncar os nossos guardas. Extinguira se a barulhada dos festejos. O nosso visinho rouxinol recomeçara a cantar. Então, por entre as arvores, fui-me arrastando até á barraca de M.ess Simons. Mãe e filha esperavam-me sentadas sobre a erva humida.

—Fale, sr., disse-me M.ess Simons, fale depressa; bem sabe que precisamos descançar.

Respondi, cheio de confiança:

—O que tenho a dizer-lhes vale bem uma hora de somno. Querem d'aqui a tres dias estar em liberdade?

—Mas isso é amanhã, com certeza, ou a Inglaterra deixa de ser a Inglaterra! O Demetrio devia ter avisado o meu irmão ás cinco horas; o meu irmão fa!ou com o ministro ás horas do jantar; ainda não era noite, foram dadas as ordens; a policia poz-se a caminho e ámanhã pela manhã estaremos livres, antes da hora do almoço.

—Illusões, minha sr.a Não contemos com a policia. Cá n'esta terra policia e salteadores andam sempre de acordo. E' possivel que mandem alguns homens em nosso auxilio; mas Hadgi-Stavros leva-nos por caminhos afastados para outro sitio. Conhece toda a serra como os dedos d'elle. Cada rochedo é seu cumplice, cada moita alliada sua. E' o Rei das serras!

—Bravo, sr.! Hadgi-Stavros é deus e o sr. é seu propheta! Que eram amigos já o eu sabia! Foi elle quem lhe suggeriu esse plano que vai propôr-me?

—Sim, foi elle, ou para melhor dizer, foi a sua correspondencia. Emquanto a dictava, achei o meio infallivel para nos livrarmos de graça. Queira escrever a seu irmão que nos mande cento e quinze mil francos, cem para seu resgate e quinze para o meu. Póde envial-os pelo Demetrio, que é de toda a segurança.

—Pelo seu amigo Demetrio ao seu amigo o Rei das Serras! Obrigada! É por esse preço que nos veremos livres sem gastar um centimo!

—Demetrio não é amigo meu e Hadgi-Stavros nada se lhe dá de me mandar cortar a cabeça. Continúo: em troca d'esse dinheiro exigirá que o Rei lhe passe um recibo.

—Que linda letra á vista!

—Com essa linda letra tornam a receber os seus cento e quinze mil francos e já lhes vou dizer como.

—Boas noites, sr. Basta! Desde que desembarquei n'esta bemaventurada terra todos me

teem roubado, os guardas da alfandega, os cocheiros os estalajadeiros e agora um criado, que não é seu amigo e que nos entrega aos ladrões; encontrei um frade muito respeitavel que com os ladrões reparte o que nos roubaram; os que ahi dormem á porta para nos proteger são ladrões; o unico homem honrado que suppuz ter encontrado na Grecia era o sr. que me dá excellentes conselhos. Ora muito boa noite, muito boa noite!

— Mas, minha sr.ª, pense de mim o que quizer, mas deixe-me apenas dizer-lhe por que meios será reembolsada.

A boa senhora empurrou-me gritando-me mais uma vez boa noite em voz tão aguda, que temi pudesse despertar os guardas e fugi para a minha barraca, de orelha murcha.

Que dia aquelle! Tentei recapitular-lhe todos os incidentes desde a hora em que tinha partido de Athenas em busca da *boryana variabilis*. O encontro com as inglezas, os lindos olhos de Mary-Ann, as espingardas dos ladrões, os cães, as pulgas, Hadgi-Stavros, quinze mil francos a pagar, a minha vida por esse preço, a orgia da Ascenção, as ballas a assobiarem-me ás orelhas, a bebedeira do Basilio e, para remate, as injustiças de M.ᵉˢˢ Simons! Só me faltava ser tido por ladrão!

O somno, que de tudo consola, não veio em meu soccorro. Nasceu o dia e viu-me entregue ás minhas dolorosas meditações. Todos os meus sentidos haviam-os estropiado o cançasso e o desanimo.

N'esse marasmo das faculdades tive uma visão, que era a um tempo sonho e allucinação, pois que eu não estava acordado nem a dormir.

Julguei que me tinham enterrado vivo, que a minha barraca era uma eça e que ouvia cantar o officio de defuntos. Tive medo; quiz gritar; abafou-se-me a voz na garganta. As minhas exequias eram em grego. Fiz um esforço para mexer o braço direito: pareceu-me de chumbo. Estendi o braço esquerdo, que, batendo na barraca, fez cahir uma coisa que parecia um ramalhete.

(Continúa).

SCIENCIA MODERNA

XI

DEPURAÇÃO CHIMICA DAS AGUAS

De ha muito se conhece a necessidade de purificar a agua utilizada como bebida.

Já os chinezes, nos tempos mais remotos, tinham por habito prender um pedaço de alumen a um bambú, e com este corpo se servirem para tornar limpida a agua dos poços ou arrozaes.

O systema de depuração pelos filtros, que hoje se emprega, não satisfaz por completo, porque, além de não reter todos os germens nocivos á saúde que na agua se possam encontrar, deixa passar juntamente todas as impurezas que n'ella se acharem dissolvidas.

A depuração chimica que pode perfeitamente substituir a depuração pelos filtros tambem não dá os resultados desejados visto que não consegue privar a agua, por completo, de todas as materias nocivas que n'ella se achem em dissolução. Vejamos, no emtanto, com relação a esta ultima forma de depuração, quaes as bases empregadas e as que teem apresentado maiores vantagens. N'este systema, teem-se tomado por bases:

1.° O *alumen* 0^{gr},25 por litro.

2.° *Alumen* 0^{gr},25 e bicarbonato de soda 0^{gr},10, para a mesma porção de agua.

3.° Perchloreto de ferro: 6 gottas e 3 centimetros cubicos de uma solução saturada de bicarbonato de soda, egualmente para a mesma porção.

4.° Perchloreto de ferro 6 gottas e tres centimetros cubicos de agua de cal.

No processo n.° 3) teremos ainda a juntar 0,01 centigrammas de chloro, bromio ou iodo. Sature-se o excesso d'um d'estes tres ultimos corpos em pequena porção de hypposulphito de soda depois d'uma acção de meia hora.

Os resultados de todos estes processos foram os seguintes:

1.° Os processos pela base de alumen e perchloreto exigem de 15 a 24 horas para dar um resultado satisfatorio. Com o Chloro, Bromio ou Iodo, é sufficiente meia hora.

2.° Com relação ás materias organicas, o alumen separa-nos 25%, o alumen misturado com o carbonato de soda 33%, o perchloreto de ferro, 60%, o chloro, bromo ou iodo, 25%.

3.° N'uma agua contendo 20:000 germens antes da depuração, tratada pelo alumen, ficará contendo 500, pelo perchloreto 1:720, pelo chloro 350, pelo Bromio 200, e pelo Iodo, 80. D'estas analyses, poderemos concluir que os corpos que actuam mechanicamente reteem maior porção de materia organica que os oxydantes, mas destroem menor quantidade de germens.

De todos elles, poderemos tambem facilmente concluir que o melhor processo é o do iodo.

Deve-se a seguinte experiencia ao illustre pharmaceutico francez Allain.

Junte-se, n'um litro de agua, 8 gottas de tintura de iodo, deixe-se actuar a mistura durante meia hora, e tire-se em seguida o excesso de iodo com uma colher cheia de vinho, ou chá, ou ainda com 1 a 2 centimetros cubicos d'uma solução de hyposulphito de soda a $^1/_{100}$. Este ultimo tem apenas o inconveniente de dar origem á formação d'um centigramma do tetrathinato de sodio, sal que é purgativo em dose de trinta grammas.

A agua tratada por esta forma conserva um sabor agradavel, desapparecendo facilmente o cheiro e gosto do iodo. Se a agua fôr turva, devemos tratal-a primeiramente pelo alumen, e em seguida, adoptarmos o processo que acabamos de citar. Por esta forma, diminue-se-lhe 50% da quantidade de materia organica que a agua continha e grande parte dos microorganismos. Para terminarmos, vejamos tambem, o que nos parece interessante, o valor do carvão como depurador.

O carvão em bruto agitado na agua, em dose de 20 grammas por litro, destroe depois de quatro horas de acção 0% de materia organica, no fim de 24 horas, 30%, e no fim de 5 dias, 20%; maximo da destruição. O carvão lavado em agua distillada e em dose egual á do caso anterior, destroe, no fim de 4 horas, 35% de materias organicas, maximo da destruição. O carvão, previamente levado ao rubro, e em egual dose, destroe 50%, em 4 horas.

Se dobrarmos a dose do carvão, os effeitos produzidos são exactamente os mesmos.

XII

VALOR NUTRITIVO DOS ALIMENTOS

A nossa saúde depende em grande parte da qualidade de alimento que ingerimos.

Parece-nos, por conseguinte, util que mencionemos quaes os alimentos que havemos preferir e os que menos se recommendam á alimentação.

Indicaremos, por cada kilogramma de peso, a quantidade de materia nutritiva que estes contêem. Uma analyse feita recentemente veionos demonstrar que devemos dar a preferencia ao bacalhau secco que contem por cada kilogramma de peso, 611 grammas de materia nutritiva, isto é uma percentagem superior a 50%. Segue-se lhe o queijo que contêm no mesmo peso, 400 grammas de materia nutritiva.

De 400 a 300 grammas, encontramos	
A lentilha	319 gr.
Feijão secco	305 »
Ervilha	300 »
De 300 gr. a 200 gr.	
Carne de vacca	226 »
Arroza	218 »
Bacalhau salgado	200 »
Abaixo de 200 gr.	
Harenques	191 »
Ovos	180 »
Pão	153 »
Figos	120 »
Batata	46 »
Fructa	25 »

Recommendamos este pequeno quadro ás boas donas de casa, e cremos que estas terão motivo para nos agradecer. D'esta forma, saberão quaes os alimentos que devem preferir para a sua nutrição e aquelles que devem rejeitar pelo seu inferior poder nutritivo.

24-7-900. *Antonio A. O. Machado.*

NECROLOGIA

CONSELHEIRO DR. ANTONIO JOSÉ TEIXEIRA

Pelas 11 horas da noite de 19 do corrente finou-se no Luso, quasi repentinamente, o conselheiro Dr. Antonio José Teixeira, professor da Universidade de Coimbra, antigo deputado, par do reino e um dos membros mais illustres do partido regenerador.

CONSELHEIRO DR. ANTONIO JOSÉ TEIXEIRA

FALLECIDO EM 19 DO CORRENTE

Filho do negociante Antonio José Teixeira de Araujo, o illustre finado nascêra em Coimbra a 25 de junho de 1830 e na universidade, de que havia de ser lente muito notavel, tomára o grau de doutor na faculdade de mathematica em 7 de outubro de 1855.

Foi tão distincto como estudante que o governo, por consulta da universidade concedeu-lhe gratuitamente essa distincção.

Foi mathematico distinctissimo o que não o impediu de demonstrar o seu engenho em muitos outros assumptos, financeiros, politicos, historicos ou simplesmente litterarios.

Como jornalista tornou-se muita vez notavel. A logica da sua argumentação e a lucidez de suas deducções, a concisão do seu estylo definiam um mathematico.

Era antigo redactor politico do *Conimbricense*.

Deputado fez muita vez parte de commissões de fazenda em que era seu voto muito acatado.

Era vogal do conselho de instrucção publica, director geral das alfandegas aposentado e lente jubilado da faculdade de mathematica.

Sua ultima obra, *Apontamentos para a historia dos jesuitas em Portugal*, fôra offerecida ao sr. conselheiro João Franco Castello Branco. Na revista scientifica *O Instituto* estava publicando outra obra, *Antonio Homem e a Inquisição*, que tambem deveria apparecer em volume.

Foi uma grande perda. O partido regenerador tinha n'elle uma de suas melhorea columnas, como por varias vezes, em discussões parlamentares, o Dr. Antonio José Teixeira se mostrou com eloquencia.